



Captura Crítica

Direito, Política, Atualidade

**FEMINISMO NEGRO, IDENTIDADE DE GÊNERO E SILÊNCIOS:
UMA RESENHA CRÍTICA SOB A PERSPECTIVA DE AUDRE
LORDE**

*Feminismo negro, identidad de género y silencio: una reseña crítica desde
la perspectiva de Audre Lorde*

*Black feminism, gender identity and silences: a critical review from the
perspective of Audre Lorde*

Andressa Soares Costa Aires 

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail:
andressacostaaires@gmail.com.

Artigo recebido em 16/02/2023.

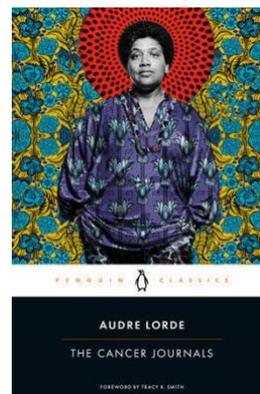
Aceito em 20/04/2023.

Captura Crítica: direito, política, atualidade. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 463-472, 2023.
e-ISBN: 1984-6096



Este trabalho é licenciado sobre a Creative Commons Attribution 4.0
Este trabajo es licenciado bajo Creative Commons Attribution 4.0
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0

FEMINISMO NEGRO, IDENTIDADE DE GÊNERO E SILÊNCIOS: UMA RESENHA CRÍTICA SOB A PERSPECTIVA DE AUDRE LORDE



1 Introdução

Para uma análise sobre o feminismo negro, a identidade de gênero e seus desdobramentos, pautas bastante relevantes na obra de Audre Lorde (2020), é importante destacar alguns aspectos da vida e da obra da referida autora. Em “*The Cancer Journals*” ou, em tradução livre, “Diários do câncer”, Lorde (2020), diante do recebimento de um diagnóstico de câncer de mama no Dia do Trabalho de 1978, fez uma (re)leitura sobre si mesma e sua relação com o corpo e com a sociedade, tendo como base a experiência da doença, da dor, do medo e da raiva, sendo um modo de externar suas angústias. Ao trazer grupos historicamente marginalizados para o escopo do debate, quando, por exemplo, ela aponta a violência física e psíquica contra corpos negros, femininos e lésbicos, fica evidente que a poesia foi utilizada como instrumento de terapia, de luta e de resistência:

Eu ia morrer, se não mais cedo, mais tarde, quer eu tivesse falado ou não. Meus silêncios não me protegeram. Seu silêncio não o protegerá. Mas, para cada palavra real dita, para cada tentativa de dizer aquelas verdades que ainda estou procurando, fiz contato com outras mulheres enquanto examinávamos as palavras para que se adequassem em um mundo no qual todas acreditávamos, unindo nossas diferenças. E foram a preocupação e o cuidado de todas aquelas mulheres que me deram força e me permitiram examinar os aspectos essenciais da minha vida. As mulheres que me apoiaram durante esse período eram negras e brancas, velhas e jovens, lésbicas, bissexuais e heterossexuais, e todas nós compartilhamos uma guerra contra as tiranias do silêncio. Todas elas me deram força e preocupação sem as quais eu não teria sobrevivido intacta. Naquelas semanas de medo agudo, veio o conhecimento - dentro da guerra que todos nós estamos travando com as forças da morte, sutis ou não, conscientes ou não - de que não sou apenas uma vítima, eu também sou uma guerreira. Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta fazer suas, até que adoeça e morra por causa delas, ainda em silêncio? Talvez para alguns de vocês aqui hoje, eu seja a face de um de seus medos. Porque sou mulher, porque sou negra, porque sou lésbica,

porque sou eu mesma, uma negra poeta guerreira fazendo o meu trabalho, venho lhes perguntar, vocês estão fazendo o seu? (LORDE, 2020, p.22, tradução nossa)¹.

Lorde (2020) expressou no diário um diálogo interno, íntimo e não filtrado, além de ter feito uma análise do câncer de mama e da indústria que o cerca, através de uma crítica cultural. Ou seja, mesmo em sua forma mais vulnerável, a obra de Lorde (2020) pode ser interpretada como uma literatura de tomada de consciência e de revolução. Pela leitura do texto, a existência e a construção do corpo da mulher são pontos importantes, especialmente quando se pensa naquele ideal de feminilidade, de padrões do que seria considerado feminino ou não. Isso porque a poeta (2020) rechaçou os padrões impostos, com a veemente recusa em esconder o fato de que ela era uma mulher mastectomizada, reforçando que assim permaneceria: sem prótese, sem ocultamento de sua doença e sem silêncios. Ela soube transformar o isolamento, a invisibilidade e a opressão em ação, em voz ativa e em protagonismo de sua própria história.

2 O papel do feminismo negro diante das diferenças estruturais

Pelo ponto de vista da raça, entende-se que as universidades precisariam ser, também, um lugar onde mulheres possam ter voz ativa e atuação central na luta contra a opressão e os papéis de gênero, sendo imperativo que haja o fortalecimento do feminismo negro, sem a presença do medo e sem as amarras da opressão e do domínio. Entre as mulheres militantes do movimento feminista, houve muito esforço para resistir ao racismo, mas levando-se em conta o preconceito individual e, embora seja relevante os indivíduos atuarem para uma conscientização antirracista, não se pode olvidar que o embate contra a supremacia branca e a procura de uma coletividade mais igualitária, deve ter como fundamento uma mudança de

¹ O texto original, em língua inglesa, diz: I was going to die, if not sooner then later, whether or not I had ever spoken myself. My silences had not protected me. Your silence will not protect you. But for every real word spoken, for every attempt I had ever made to speak those truths for which I am still seeking, I had ever made contact with other women while we examined the words to fit a world in which we all believed, bridging our differences. And it was the concern and caring of all those women which gave me strength and enabled me to scrutinize the essentials of my living. The women who sustained me through that period were Black and white, old and young, lesbian, bisexual, and heterosexual, and we all shared a war against the tyrannies of silence. They all gave me a strength and concern without which I could not have survived intact. Within those weeks of acute fear came the knowledge—within the war we are all waging with the forces of death, subtle and otherwise, conscious or not—I am not only a casualty, I am also a warrior. What are the words you do not yet have? What do you need to say? What are the tyrannies you swallow day by day and attempt to make your own, until you will sicken and die of them, still in silence? Perhaps for some of you here today, I am the face of one of your fears. Because I am woman, because I am Black, because I am lesbian, because I am myself, a Black woman warrior poet doing my work, come to ask you, are you doing yours? (LORDE, 2020, p. 22).

sistema, de estrutura, porquanto o esforço individual pode modificar a configuração social, se estiver vinculado ao esforço coletivo de transformar os alicerces que reforçam e perpetuam a supremacia branca (hooks, 2019, p. 177).²

Com esses apontamentos, percebe-se que a supremacia branca continua desenhando a realidade e a posição social de pessoas negras e, por isso, é essencial uma luta constante pela libertação negra, por um viés antirracista e que movimente uma responsabilidade e esforço coletivo, a fim de transmutar o sistema e sua conformação, que resultam na lógica do domínio branco (hooks, 2019).

Destarte, na sociedade capitalista, a formação sócio-histórica e econômica funde-se em três sistemas: o sistema hetero patriarcal, racista e capitalista. Em outros termos, o patriarcado, a divisão sexual e racial do trabalho, averiguados a partir do cenário brasileiro contemporâneo, fundam-se como sistemas estruturantes e coexistentes ao capitalismo, o que se revela pela usual dominação e opressão do homem sobre a mulher ao longo da história (CISNE; SANTOS, 2018, p. 25). Nessa acepção, o trabalho de cuidado revela-se como uma das vertentes mais características de expressão das desigualdades, replicando padrões e estigmas que advêm da época da escravidão, ainda que de maneira velada ou reformulada.

Nesse sentido, Joan Tronto constatou que, mesmo que seja frequente a forte ligação entre mães e filhos, enquanto construção ideológica fundamentada na ideia de que seria a primeira relação afetiva da vida, tal configuração constituiria uma percepção relativamente nova na história. A escritora ressalta que, há séculos, em países ocidentais, as crianças eram entregues aos cuidados de suas amas-de-leite e ficavam distantes da figura materna, o que significa que avós, babás, irmãos, pais e outras pessoas da família teriam poder de influenciar na vida dos infantes. Foi pelo conceito de que somente a progenitora cuidaria da criança que surgiu a errônea impressão sobre a natureza do cuidado (TRONTO, 2007, p. 295).

A observação do papel de cuidado das mulheres seria central nesse panorama, porque Lorde (2020) já enunciava sobre a figura materna negra e as dificuldades de desempenho da função de cuidado, diante das desigualdades estruturais e, tendo em vista a premente busca por mudança em relação aos inúmeros encargos destinados às mulheres, Lorde (2003), em outra

² As citações de bell hooks serão trazidas em letras minúsculas, atentando-se ao pedido da autora em não capitalizar o nome que ela adotou. Gloria Jean Watkins é o seu nome de batismo, mas bell hooks foi o pseudônimo escolhido em homenagem à sua bisavó. O nome escolhido revela, também, o objetivo da autora em destacar as suas palavras e as suas mensagens de reflexão e de transformação, ao invés de simplesmente seguir as convenções acadêmicas e intelectuais preestabelecidas. Nesse sentido, é interessante a leitura do texto de Mariléa de Almeida (2021), pois há uma análise singular da produção de bell hooks, de sua trajetória e de seu legado para o mundo.

obra, fala sobre a aplicabilidade prática dos usos da raiva ante às violências estruturais, como meio de reação das mulheres no combate ao sexismo e ao racismo. A mensagem que ela traz é de que raiva seria um sentimento extremamente poderoso, consolidando-se como oposição a um sistema injusto, que hierarquiza e classifica os seres humanos. A raiva seria uma expressão de repulsa à opressão e a materialização de um legítimo inconformismo, especialmente entre as mulheres, que comumente foram doutrinadas a não manifestarem a raiva durante a vida e a optarem pelo silêncio, como corpos dóceis e gentis³. Isso significa que Lorde (2020), como feminista negra, demonstrou brilhantemente em seus escritos a dimensão coletiva de sua voz, pois ela se colocava em uma perspectiva do "eu" privado para o "nós" coletivo, repercutindo na verificação de que, para um empoderamento individual, deve haver uma movimentação de cunho coletivo, a fim de que ocorram mudanças sociais, políticas e econômicas duradouras.

A trajetória mais adequada seria, então, questionar e desnaturalizar essas concepções que permitem a manutenção de relações de poder de modo assimétrico, em corpos docilizados. As mulheres foram ensinadas a ignorarem as diferenças, ou vê-las como causas de separação e de suspeição, ao invés de usá-las como força motriz para mudanças. Lorde (2020, p. 14) reforça muito bem que sem comunidade não há libertação, nem futuro esperançoso, somente sobraria a mais vulnerável e temporária trégua entre ela, mulher negra, e a opressão sofrida. Nesse ponto, é imprescindível salientar que a raiva admitida entre as mulheres negras, cada uma com suas peculiaridades, não deve conduzir ao lugar da rivalidade feminina, isto é, a comunidade não deve expressar uma supressão das diferenças, nem a pretensão de que essas diferenças entre as mulheres negras não existem, pois são as vivências plurais que devem se agregar para definir e alcançar uma conjuntura na qual todas possam ter espaço para exprimir seus pensamentos e perspectivas.

³ Segundo Michel Foucault (2009), estamos imersos em uma racionalidade moderna, neoliberal, que faz com que sejamos corpos úteis e dóceis, que reproduzem ideias que nos inferioriza e que, muitas vezes, só nos atrasam. Isso significa que o corpo também está inserido em uma esfera política e de relações de poder que o dominam, sendo certo que o corpo apenas se torna força útil se funciona, concomitantemente, como corpo produtivo e corpo submisso. Diante disso, é relevante o conhecimento do contexto histórico que nos cerca, posto que as conjunturas sociais, políticas e econômicas estão interligadas ao próprio modo de produção capitalista, tornando-se visível que aquele que não é obediente ou que não produz, não gerando lucros ao sistema, é punido ou excluído.

3 A importância da representatividade para a ruptura de silêncios

A autora (2020), em uma percepção singular, defendeu o direito de definir e de reivindicar o próprio corpo, ao relatar sua experiência de quando não encontrou referências que representassem as suas particularidades, já que era uma mulher negra, lésbica e que teve que passar pela mastectomia, processo pelo qual houve a retirada do seio, em virtude das implicações do câncer. Para ela (2020), a prótese ofereceria o conforto vazio de passar imperceptível pelas pessoas e, portanto, esse seria o motivo pelo qual ela quis reforçar sua própria condição, como um retrato da sobrevivência e do compartilhamento de força com as outras mulheres. A escritora (2020) assentiu que, à medida que as mulheres com mastectomias se tornassem visíveis umas para as outras, haveria mais aceitação e valorização dos corpos, como uma quebra do silêncio, transformando-o em linguagem, em ação e, assim, passível de promover a desmistificação de paradigmas em torno do câncer de mama.

O silêncio e a invisibilidade caminhariam em conjunto com a impotência e a utilização da prótese para mascarar a situação redundaria em uma proclamação do fingimento. Isso quer dizer que reiteraria o isolamento e a maior vulnerabilidade, assim como a complacência com uma sociedade que prefere não encarar as consequências de seus próprios preconceitos. A visibilidade e o apoio mútuo seriam um caminho para a autoaceitação. Uma realidade repleta de mulheres que aparentavam ter os dois seios tornava a lembrança de Lorde (2020, p. 55) um processo mais doloroso e solitário enquanto mulher mastectomizada, sendo que ela indagava como poderia sentir temor, se já estava em um estágio que enfrentava a morte como um processo da existência, colocando em xeque as dualidades da vida e da morte.

Ao refletir especificamente sobre os desafios enfrentados por Lorde (2020), pelo fato de ser uma mulher lésbica, é interessante destacar a ideia das “colonialidades cisnormativas”, trazida por Viviane Vergueiro Simakawa (2015, p. 77), que, até os dias de hoje, em pleno século XXI, atravessam a academia no que se refere às relações de identidades de gênero e de diversidades corporais. Sendo assim, ainda existem privilégios interseccionais (de gênero, de raça e de classe), que podem ser exemplificados pelas restrições ao acesso e à manutenção de pessoas trans na academia, pelas subalternizações de indivíduos trans na constituição de saberes, ou mesmo pelos entraves epistemológicos nas inserções de pessoas de identidades de gênero diversas e de variados corpos em projetos e em pesquisas.

Ponderar sobre as colonialidades⁴ que permeiam existências de corpos e de variadas identidades de gênero, reflete em permanentes desconfiças no que tange aos “cistemas legais e de saúde, em particular acerca dos interesses que os atravessam” (SIMAKAWA, 2015, p. 151). Analogamente, bell hooks (2019, p. 170-171), assim como Audre Lorde (2020), aduziu que, sob a perspectiva dos Estados Unidos, ainda que a natureza da exploração e da opressão racista tenha sido modificada desde o fim da escravidão, a chamada supremacia branca permaneceria conformando as compreensões sobre a realidade e moldando até mesmo a posição social de pessoas negras e de todas as pessoas não brancas, refletindo nas universidades.

Cumprre reconhecer, outrossim, a força que a população LGBTQIA+ simboliza para essa luta por um espaço mais democrático e múltiplo. Lorde (2020, p.45) traduz, nos “Diários do câncer”, suas dificuldades, seus medos, suas histórias e sua vontade de poder encontrar outra mulher lésbica para que, por intermédio de uma linguagem comum e imbuída de mais diversidade, pudesse compartilhar suas experiências de vida. Esses obstáculos experimentados por Lorde (2020) remetem ao lugar da homossexual na sociedade, já que, até o quadro hodierno, ainda há indivíduos cujo armário⁵ ainda faz parte de suas existências, mesmo que sejam corajosas, honestas consigo mesmas, ou que recebam suporte de suas comunidades imediatas. (SEDGWICK, 2016, p. 22).

4 Considerações finais

Diante dessas questões, Lorde (2020) sentiu o medo e a vulnerabilidade, mas concluiu que escondê-los e minimizá-los, não a libertaria deles. A sua articulação de poeta leva à força, e não à mera sobrevivência. Ela quebrou o silêncio e os tabus sobre muitos aspectos da sua

⁴ Verifica-se, nesse sentido, a imprescindibilidade do desenvolvimento de uma cosmovisão do poder e do saber, posto que é a colonialidade do saber, do ser, que molda a racionalidade moderna e afeta o próprio senso de governabilidade, de epistemologia e forma de enxergar o mundo. Foucault (2008, p. 329-330) bem dimensiona que é necessário fazer um estudo sobre a imbricação das relações sociais com o projeto neoliberal de economia de mercado, sendo que este último busca examinar os fenômenos sociais com base nos critérios puramente econômicos, repercutindo na construção das hierarquias, as quais reforçam a situação de dominados, de periféricos, afetando diretamente o modo histórico de produzir o Direito. Isso posto, entende-se que a obra de Audre Lorde (2020) representa a luta contra esse projeto neoliberal, colonial e de heteronormatividade compulsória da sociedade.

⁵ “O armário”, “a saída do armário”, ou “assumir-se”, firmaram-se como expressões comuns para o potencial cruzamento/recruzamento de praticamente todas as linhas de representação carregadas politicamente e se arraigaram como as mais magnéticas e ameaçadoras dessas figuras, uma vez que o armário transparece um arcabouço definidor da opressão gay no século XX. (SEDGWICK, 2016, p.26).

própria vida, sobre a vida de outras mulheres, e, especialmente ao pensar sobre mulheres negras, ecoou entusiasmo e vitalidade. Sua coragem e transparência, ao se reconhecer como uma mulher negra e lésbica à procura não apenas da sobrevivência, mas de uma vivência reconfortante e satisfeita, dentro do que era possível, evidenciou que Lorde (2020), de fato, acreditava que o privado é político e que o pessoal seria pressuposto da transformação social e do florescimento coletivo.

A autora (2020) acreditou no poder dos sentimentos expressos pela voz, pela reação a partir da linguagem, de modo que o inconformismo, a dor e o medo latente acerca do câncer e das mazelas sociais não poderiam se fossilizar em silêncio. A linguagem, por sua vez, foi interpretada como um ato de autoestima, de luta, de resistência, de autoaceitação e de transformação do mundo a partir da união dessas diferenças. Não seria a diferença que nos imobilizaria, mas o silêncio. As diferenças deveriam ser usadas para a construção de um debate mais plural, de reconhecimento através de incômodos que resultariam em mais humanização, tanto no feminismo negro quanto na realidade ao redor dele.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Mariléa de. bell hooks. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v.7, n.2, 2021, p. 21-33. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/bell-hooks/>>. Acesso em: 16 mai. 2023.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, diversidade sexual e serviço social**. São Paulo: Cortez, 2018. Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2018.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019. 380 p.

LORDE, Audre. **La hermana, la extranjera: Artículos y conferencias** Madrid: Horas y horas, 2003.

LORDE, Audre. **The cancer journals**. New York City: Penguin Books, 2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, p. 19-54, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 244 f.: il. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>>. Acesso em: 19 jan. 2023.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 285-308, maio/ago. 2007.

Andressa Soares Costa Aires

Advogada. Mestranda em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília - UnB (início em 2021). Bacharela em Direito pela UnB (2021). Tem ênfase nos estudos sobre: direitos humanos; direitos fundamentais; acesso à justiça; trabalho escravo contemporâneo e interseccionalidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1687-3191>.